



Saussure-Benveniste: uma reflexão de método a partir dos princípios semiológicos

Saussure-Benveniste: a reflection on method from semiological principles

Camila Pilotto FIGUEIREDO*

Daiane NEUMANN**

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir acerca dos princípios semiológicos no pensamento de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste, a fim de compreender de que forma esses princípios se erigem, bem como se inter-relacionam na reflexão de cada um desses linguistas. O ponto de chegada do texto é pensar em como, a partir da análise de tais princípios, pode-se observar a construção de um método de trabalho que caracteriza a linguística saussuriana e a linguística benvenistiana. Ademais, a reflexão aqui empreendida auxilia na compreensão acerca de como os linguistas explicaram o fenômeno da língua, considerando os diferentes pontos de vista, segundo os quais a analisaram.

PALAVRAS-CHAVE: Ferdinand de Saussure. Émile Benveniste. Princípios semiológicos. Método.

ABSTRACT: This article aims to discuss the semiological principles in the line of thought of Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste, to understand how these principles are founded, as well as are interrelated in the reflection of each of these linguists. The starting point of the text is to think about how, from the analysis of such principles, one can observe the construction of a working method that characterizes Saussurian and Benvenistian linguistics. In addition, the reflection presented here helps us understand how these linguists explained the phenomenon of language, considering the different points of view used by each of them during their analysis.

KEYWORDS: Ferdinand de Saussure. Émile Benveniste. Semiological principles. Method.

Artigo recebido em: 05.03.2022

Artigo aprovado em: 28.04.2022

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. figueiredo.camilapilotto@gmail.com

** Professora dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. daiane_neumann@hotmail.com

1 Introdução

Émile Benveniste, no artigo *Semiologia da língua* (1969), volta à semiologia saussuriana para pensar as relações entre a língua e os demais sistemas semiológicos. A pergunta que guia sua investigação diz respeito ao lugar da língua entre os sistemas de signos. Essa retomada do gesto saussuriano, como menciona Puech (1997), não tem por objetivo repetir ou corrigir Saussure, mas *reconstruir os princípios* sobre os quais o linguista genebrino constrói a semiologia. A reconstrução, aqui, implica a estratégia de retorno com vistas a dar prosseguimento; não se trata de superação, mas de continuidade¹.

Em *Saussure após meio século* (1963), percebe-se claramente que Benveniste reconhecia a importância de realizar esse movimento a partir da semiologia saussuriana. De fato, o que é descrito na passagem a seguir é aquilo que Benveniste irá propor no texto de 1969:

Ora, vemos agora propagar-se esse princípio para fora das disciplinas linguísticas e penetrar nas ciências do homem, que tomam consciência de sua própria semiótica. Não é a língua que se dilui na sociedade, é a sociedade que começa a reconhecer-se como “língua”. [...] Essas investigações inovadoras levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a cultura. [...] No dia em que a ciência da cultura tomar forma, fundar-se-á provavelmente sobre esse caráter primordial e elaborará as suas dualidades próprias a partir do modelo que Saussure deu para a língua, sem se submeter necessariamente a ele. (BENVENISTE, 1976 [1963], p. 47)

É justamente a partir do princípio da língua como interpretante que Benveniste chega ao que chama de *semiologia de segunda geração*, a qual será possível via análise

¹ Em Meschonnic (2008), o teórico da linguagem percebe um *déplacement* nocional, devido à utilização de conceitos novos em Benveniste. O conjunto, no entanto, permaneceria ao lado de Saussure, mas se oporia ao estruturalismo.

intralinguística, que abre espaço para a significância do discurso, bem como via análise translinguística dos textos, a qual envolverá uma metassemântica sobre a semântica da enunciação, implicando, pois, uma culturologia².

Benveniste, ao se questionar sobre o lugar da língua dentre os diversos sistemas de signos, sente a necessidade de cotejá-la com outros sistemas de mesma ordem, dando enfoque aos sistemas semiológicos não linguísticos. Tal procedimento é de inspiração genuinamente saussuriana, visto que, no *Curso de linguística geral* (CLG), encontramos a afirmação de que

[s]e se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (por exemplo: o funcionamento do aparelho vocal), devem ser considerados de secundária importância quando sirvam somente para distinguir a língua dos outros sistemas. Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-las na Semiologia e de explicá-las pelas leis da ciência. (SAUSSURE, 2006, p. 25)

É interessante perceber que Saussure assinala que encontraremos tal natureza traçando os aspectos comuns entre a língua e os demais sistemas semiológicos. Para Saussure, então, analisar o que há de comum nos sistemas semiológicos leva à compreensão do que há de diferente e essencial na língua, à compreensão de que aspectos tornam a língua um sistema especial dentre os fatos semiológicos (SAUSSURE, 2006, p. 24). Esse modo de análise está presente também em *Semiologia da*

² Quanto a esse ponto, seguimos a interpretação de Chloé Laplantine: “Essa metassemântica (semântica de uma semântica) < que se construirá sobre a semântica da enunciação > é, para mim, ao mesmo tempo, a descoberta de semânticas particulares, como por exemplo a semântica de Baudelaire (isto é < a língua de Baudelaire >), o que implica uma culturologia [...]” (cf. LAPLANTINE, 2008, p. 158, *tradução nossa*).

língua, sendo esse o movimento que possibilita o desenvolvimento dos princípios que levarão Benveniste à conclusão da existência dos domínios semiótico e semântico.

O presente artigo visa a apresentar a interpretação de que, seguindo Saussure, Benveniste, em *Semiologia da língua*, desenvolve sua reflexão também a partir de princípios semiológicos os quais são, em ambos os casos, hipóteses explicativas, as quais permitem a chegada à esfera discursiva. Para tal, realizaremos inicialmente uma exposição sobre os princípios semiológicos em cada autor, mostrando como esses princípios se conectam e se caracterizam no interior de cada teoria. Ao final do ensaio, relacionaremos as teorias, buscando apresentar reflexões que introduzam a hipótese de que há uma aproximação procedimental quanto aos princípios também em outros trabalhos dos autores, sendo que tal aproximação reside no método³ utilizado por ambos os linguistas no desenvolvimento de suas teorias.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Os princípios semiológicos em Saussure

No pensamento saussuriano, a semiologia é uma ciência prospectiva que possui papel fundamental para o estabelecimento da linguística como ciência autônoma. Tendo em vista que a necessidade do estabelecimento dessa autonomia era de grande importância no século XIX, as interpretações mais influentes envolviam discussões sobre se a linguística fazia parte da psicologia ou da sociologia. Benveniste observa bem que Saussure se distancia de uma escolha por esses termos ao afirmar que a linguística não fazia parte de nenhuma dessas ciências, mas sim de uma ciência que

³ É importante entender a expressão *método* com cuidado. Tanto Saussure quanto Benveniste são criticados devido ao fato de não ser possível estabelecer, a partir de sua teorização, um método aplicável a todas as análises linguísticas. Com a palavra *método* não visamos, portanto, a tratar de uma *fórmula* de uso aplicável a todos os casos, mas assinalar uma coincidência de atitude questionadora acerca dos fatos linguísticos, a qual leva à colocação de princípios como hipóteses que explicam o funcionamento da língua.

ainda não existia, a semiologia (BENVENISTE, 1989 [1969] p. 47-48). Assim, a linguística deixaria de necessitar se colocar entre as ciências naturais ou as ciências históricas e se estabeleceria em um ramo científico singular, que estuda os signos sociais.

Essa ciência prospectiva é definida por Saussure como “uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2006, p. 24). A linguística seria, então, uma parte da semiologia, um sistema particular a ela pertencente. O linguista genebrino afirma também que a semiologia ensinará em que consistem os signos e que leis⁴ os regem, o que significa que ela é uma ciência mais ampla que a linguística, abarcando-a, mas não se limitando a ela. De modo similar, os princípios semiológicos regem a língua, mas não podem ser ditos específicos dela, já que operam também em outros sistemas semiológicos.

Saussure, quando aborda os princípios semiológicos, dá lugar privilegiado ao princípio de arbitrariedade. Justamente por esse princípio ser o que mais caracteriza a língua e por ela ser o sistema de expressão mais completo e difundido, Saussure afirma que a língua deve ser considerada o padrão da semiologia. Parece também que a centralidade da arbitrariedade decorre do fato de que é a partir dela que os demais princípios são gerados. Para ilustrar esse ponto de vista, consideremos as seguintes passagens, ambas no capítulo em que Saussure se dedica a investigar a mutabilidade e imutabilidade do signo:

Em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade. [...] Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação

⁴ Embora aqui encontremos a expressão *leis* para se referir ao que rege o funcionamento da língua, quando Saussure aborda de fato tal funcionamento, menciona apenas princípios semiológicos particulares, como os que veremos adiante. Desse modo, optamos por utilizar a expressão *princípios*.

entre o significado e o significante. *Essa é uma das consequências da arbitrariedade do signo.* (SAUSSURE, 2006, p. 87-90, grifo nosso)

Saussure, a partir dessa passagem, explica o funcionamento dos princípios de continuidade e alteração do signo. Eles são considerados princípios de semiologia geral, por atuarem não apenas na língua, mas também nos sistemas de escrita, nas línguas dos surdos, etc. Tais princípios estão em íntima relação; de fato, essa conexão é tão estreita que se pode dizer que Saussure os define em conjunto: “o signo está em condições de alterar-se porque continua” (SAUSSURE, 2006, p. 89). Ainda, ao final da passagem fica bastante evidente que o fator de mudança – e, conseqüentemente, de continuidade do signo – é consequência da arbitrariedade.

Também intimamente conectado à arbitrariedade do signo está o princípio semiológico de diferenciação, relativo à noção de *valor*. Saussure o define afirmando: “Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o *valor* e a unidade” (SAUSSURE, 2006, p. 140-141, grifo nosso). No mesmo capítulo, afirma ainda que “[a]rbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas” (SAUSSURE, 2006, p. 137, grifo nosso).

Quanto ao princípio da diferenciação, cumpre atentar para o fato de que, no CLG, afirma-se que “a língua apresenta, pois, este caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que exista e que é seu jogo que a constitui” (SAUSSURE, 2006, p. 124); em seguida, conclui: “trata-se, sem dúvida, de um traço que a distingue de todas as outras instituições semiológicas” (SAUSSURE, 2006, p. 124). A partir dessa passagem, poder-se-ia contestar que o princípio da diferenciação fosse relacionado aos princípios semiológicos, conforme o fizemos aqui.

Contudo, nos *Escritos de linguística geral* (ELG), Saussure utiliza tal princípio, a fim de explicar a cor de uma bandeira em um sistema de sinais marítimos:

Tudo o que representa, para o espírito, o sinal marítimo de uma bandeira vermelha ou azul procede, não do que ele é, não do que se decidiu associar a ele, mas exclusivamente destas duas coisas: 1) de sua diferença com relação aos outros signos que figuram no mesmo momento, 2) de sua diferença com relação aos outros signos que poderiam ter sido içados em seu lugar e em lugar dos signos que a acompanham. (SAUSSURE, 2002, p. 52)

Ainda nos ELG, as "DIFERENÇAS de signos", as "DIFERENÇAS de significação" são tratadas como "[p]rincípio fundamental da semiologia, ou da 'língua' considerada regularmente como língua e não como resultado de estados precedentes". (SAUSSURE, 2002, p. 65)

Esses princípios, que se mostram em íntima conexão, estão presentes até mesmo quando Saussure aborda a linguística diacrônica. Quando trata do fenômeno da analogia, por exemplo, o linguista a define como um princípio das criações da língua e afirma que ele é, na verdade, idêntico ao princípio do mecanismo da língua, o qual sustenta que as unidades mais vastas da língua, compostas de unidades mais restritas, mantêm entre elas solidariedade recíproca (SAUSSURE, 2006, p. 148). Evidentemente, a solidariedade é consequência do princípio da diferenciação, que concerne ao valor linguístico.

Assim, partindo do princípio de arbitrariedade, temos princípios integrados e cada vez mais específicos na explicação do funcionamento do sistema da língua. Vemos que, partindo da esfera semiológica, explicam-se não só fenômenos sincrônicos, mas também diacrônicos. Podemos questionar, a partir da relação exposta entre esses princípios, por que ocorre tal conexão, visto que apontar o fato de todos serem semiológicos não explica a razão da existência de implicação entre eles.

Para entendermos esse ponto, relembremos da conhecida afirmação saussuriana que responde à questão *Unde exoriar?*⁵: "Bem longe de dizer que o objeto

⁵ Como Normand (2011) nota, a questão *Unde exoriar?* – "De onde partir?", está formulada explicitamente nos *Escritos de linguística geral* (cf. SAUSSURE, 2002, p. 240-241).

precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras” (SAUSSURE, 2006. p. 15). Como sabemos, a passagem significa que o olhar para a realidade sempre é feito a partir de um ponto de vista, o qual determinará aquilo que se entende por fato linguístico. Em outras palavras, não existe a possibilidade de uma visão neutra sobre os fenômenos linguísticos, não há um exame dos dados “em si mesmos”.

Consideremos, agora, uma nota dos *Escritos de linguística geral* que corrobora e ainda amplia a compreensão da primeira citação:

Ora, há de primordial e inerente à natureza da linguagem o fato de que, por qualquer lado que se tentar abordá-la – justificável ou não – não se poderá jamais descobrir, aí, indivíduos, ou seja, seres (ou entidades) determinados em si mesmos sobre os quais se opera, *depois*, uma generalização. Mas há, ANTES DE TUDO, a generalização e nada além dela; ora, como a generalização supõe um ponto de vista que serve de critério, as primeiras e mais irreduzíveis entidades com que se pode ocupar o linguista já são o produto de uma operação latente do espírito. (SAUSSURE, 2002, p. 26)

Mais do que negar a possibilidade de análise dos fatos linguísticos de modo neutro, a passagem nega que possam ser feitas generalizações a partir dessa pretensa tentativa de análise neutra⁶ e, ainda, afirma de modo categórico, em caixa alta, que anteriormente a qualquer coisa, há a generalização.

O que significa dizer isso? A que tipo de generalização Saussure se refere? Ou melhor, de que tipo de generalidade Saussure parte para analisar a língua? Entendemos que se trata da generalidade dos princípios. Acerca desse ponto, Claudine Normand afirma:

⁶ Segundo Médina, linguistas como Antoine Meillet, por exemplo, expressavam a crença de que se deveria analisar os fatos “em si mesmos”, assim como se fazia na química e na física (cf. MÉDINA, 1978).

Se a linguística aqui proposta é geral, ela não passa de uma síntese de resultados: [Em Saussure] não se trata de uma questão de generalização na forma de leis e tendências da gramática comparada e da linguística histórica [...]. A perspectiva se inverte: a generalidade proposta é a de princípios e é por isso que o *Curso de Linguística Geral* é uma epistemologia em que se encontra claramente posta a necessidade de hipóteses. Não se parte mais da linguagem como óbvia, enunciam-se os princípios *a priori* que permitem definir a linguagem e, por conseguinte, descrevê-la. (NORMAND, 2000, p. 466, tradução nossa)

Entendemos que tais princípios estão em íntima conexão, no sentido de levarem uns aos outros, porque não são meras generalizações que decorrem das descrições das línguas. Princípios explicam o funcionamento da língua e dos demais sistemas semiológicos justamente enquanto sistemas. Dizer que esses princípios se conectam uns aos outros implica dizer que não podemos vê-los em conflito e, muito menos, em contradição⁷.

Vejamos, agora, como Benveniste relaciona os princípios levantados em *Semiologia da língua*⁸.

⁷ Tratar os princípios semiológicos como sendo hipóteses *a priori* poderia levar à crítica de que, para Saussure, a língua seria uma abstração, como de fato o faz Antoine Meillet. Entretanto, é importante lembrar da afirmação do genebrino, na *Primeira Conferência na Universidade de Genebra*: “Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações, (*sic*) é uma empreitada absolutamente quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos *princípios* que são resumidos na ideia de linguagem é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida” (SAUSSURE, 2002, p. 128-129, *grifo nosso*). O posicionamento aqui defendido, então, não desconsidera que o estabelecimento do objeto *língua* só seja possível através do estudo das línguas particulares, mas que tais análises decorrem de princípios que guiam o olhar do linguista e permitem a descrição da língua a partir desse olhar.

⁸ É importante notar que a exposição realizada dos princípios semiológicos em Benveniste não pretende esgotar as argumentações desenvolvidas no capítulo *Semiologia da língua*. Trata-se de um recorte que objetiva, antes de qualquer coisa, deixar claro o modo como esses princípios se conectam e se relacionam.

2.2 Os princípios semiológicos em Benveniste

Diferentemente de Saussure, Benveniste não partirá do princípio de arbitrariedade em *Semiologia da língua*. Apesar de reconhecer a importância desse princípio na teoria de Saussure⁹, visto ser responsável por fazer a ligação entre língua e semiologia, Benveniste questiona: “que princípio introduzir que possa ordenar as relações e delimitar os conjuntos?”. Logo em seguida, responde: “O caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à Semiologia é sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS”. (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 52)

Esse princípio não se encontra mencionado por Saussure; entretanto, trata-se evidentemente de uma decorrência da teoria semiológica saussuriana, visto que a semiologia engloba justamente os sistemas de signos – sociais –, que significam. Assim, será, *primeiramente*, através desse princípio explicitado por Benveniste, que serão analisados os sistemas semiológicos em relação uns aos outros.

Ademais, como nota Neumann (2020), há uma aproximação entre a noção de *valor*, advinda da linguística saussuriana, e a noção de *significância*, em Benveniste. Em *Semiologia da língua*, Benveniste lança mão pela primeira vez em sua obra da noção de *significância*, a qual aparece sempre atrelada à noção de *sistema*. Nesse texto, o linguista discute especialmente a relação entre os diferentes sistemas de significação. Há um momento do capítulo em que Benveniste inclusive utiliza o termo *valor* em lugar do termo *significância*, ao afirmar que “o *valor* de um signo se define somente no sistema

⁹ Quando menciono que Benveniste considera a importância desse princípio no pensamento de Saussure, quero dizer que ele entende seu lugar teórico no pensamento do linguista. Em *Semiologia da língua*, é o próprio Benveniste que afirma: “O que liga a linguística à Semiologia é este princípio, colocado no centro da linguística, o de que o signo é arbitrário”. (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 50). Isso não significa que ele não tome esse conceito criticamente, como fica evidente em seu texto *Natureza do signo linguístico*. Cumpre notar, no entanto, que o questionamento de Benveniste se refere ao arbitrário da relação significante e significado, não propriamente à relação entre a língua e a realidade.

que o integra” (BENVENISTE, 1989, p. 54, *grifo nosso*), a propósito da impossibilidade de haver signos transistemáticos.

É importante notar que tal princípio, ao mesmo tempo em que é um ponto de partida, é um princípio colocado à prova, pois Benveniste, em uma nota de rodapé, afirma que o problema que se coloca, quando analisamos sistemas não linguísticos, é o da “validade intersemiótica da noção de signo”, ou seja, a investigação que busca compreender se todos os sistemas semióticos são atravessados pela noção de signo¹⁰. (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 59)

Benveniste explica que a relação entre os sistemas semióticos ocorre por dois princípios: o princípio de não redundância e o princípio de não transistematicidade da língua. Esses princípios, observemos, são restritivos, no sentido de que estabelecem as limitações possíveis de interação entre os sistemas semiológicos.

O princípio de não redundância postula que não existem signos sinônimos em dois sistemas de bases diferentes. Assim, Benveniste explica que não podemos dizer a mesma coisa pela música e pela língua; poderíamos dizer, entretanto, a mesma coisa pela fala e pela escrita, visto que, nesse caso, há base comum. A razão para não haver sinonímia entre sistemas de bases diferentes é que não há conversibilidade entre esses sistemas, visto que base diferente significa natureza distinta.

Do princípio de não redundância, deriva o princípio de não transistematicidade, que o completa. Esse princípio significa que dois sistemas distintos podem ter um signo em comum, sem que haja sinonímia entre eles. Benveniste afirma como exemplo que “o vermelho do sistema binário de sinalização rodoviária não tem nada em comum com o vermelho da bandeira tricolor, nem o branco desta bandeira com o branco do luto da China” (BENVENISTE, 1989 [1969], p.

¹⁰ Neste ponto do texto, conforme Meschonnic (2008), Benveniste dissocia *signo* e *unidade*. Dessa forma, em *Semiologia da língua*, todo signo é uma unidade, embora nem toda unidade seja um signo. É essa dissociação que permite a Meschonnic pensar a obra de arte como uma unidade de significação.

54). Engana-se, pois, quem vê na materialidade a sinonímia; nesse sentido, os signos aqui são entendidos como “comuns” apenas pelo aspecto material, relação que, diga-se de passagem, é acidental. No aspecto relevante, que é o relativo a seu funcionamento, não há sinonímia¹¹.

Benveniste estabelece limitações das relações entre sistemas semiológicos por meio dos princípios acima enumerados. Isso não significa, entretanto, que os sistemas de signos sejam fechados, que estejam todos agrupados na semiologia sem estabelecerem relações entre si. Significa, entretanto, que as relações possíveis serão limitadas pelos princípios restritivos, não podendo, evidentemente, conflitar com eles.

Partindo dessa perspectiva, o linguista compreende que há três espécies possíveis de relação entre os diversos sistemas: relação de engendramento, relação de homologia e relação de interpretância.

A relação de engendramento estabelece que um sistema pode engendrar outro, desde que eles tenham naturezas comuns; assim, a língua usual gera a língua lógico-matemática, por exemplo. Esse princípio se mostra intimamente relacionado ao princípio de não redundância, o qual estabelece o contrário, ou seja, a não convertibilidade entre sistemas de bases diferentes. Assim, depreende-se que, quando se está falando em engendramento, se está falando, também, em convertibilidade.

Quanto à relação de homologia, Benveniste a define como um princípio unificador entre dois domínios semióticos, sendo uma relação instaurada – diferente da anterior, que é descoberta, a partir de parâmetros que podem ser de natureza racional, intuitiva, conceitual, poética, entre outros. Aqui, a relação não necessita

¹¹ Esse aspecto secundário da materialidade do signo é bastante explorado no pensamento saussuriano. Saussure, quando aborda o funcionamento do sistema da língua através da metáfora do jogo de xadrez, exemplifica o porquê da secundariedade do aspecto material na língua. Num jogo de xadrez, caso perdêssemos uma peça do cavalo e uma do peão, por exemplo, poderíamos muito bem utilizar duas peças do jogo de damas para substituí-las; desde que as peças conservassem seus valores, mantendo-se na mesma posição que se encontravam quando desapareceram, a substituição não faria diferença alguma para a continuidade do jogo (cf. SAUSSURE, 2006).

ocorrer em sistemas de base igual; todavia, o linguista adverte que nada estabelece de antemão a validade entre essas relações, nem a extensão que podem tomar. Isso significa que, do fato de podermos estabelecer livremente relações entre sistemas semióticos diversos, não decorre que elas serão válidas, pois pode haver inconsistências que invalidem a homologia. Assim, a homologia opera como um critério de análise do tipo de relação que pode ser validamente estabelecido tanto entre sistemas de bases iguais quanto de bases diferentes.

De fato, no caso da música, o linguista testa diversas homologias que se mostram inválidas¹², o que permite sua chegada à conclusão de que as unidades da língua são os sons, mas que essas unidades não são signos. Chega-se, através das homologias, a um princípio discriminador: “os sistemas fundados sobre unidades dividem-se entre sistemas com unidades significantes e sistemas com unidades não significantes. Na primeira categoria, coloca-se a língua; na segunda, a música”. (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 59)

No que diz respeito às artes plásticas, por sua vez, a princípio não fica claro nem sequer se podemos falar na existência de unidades. De todo modo, Benveniste afirma que o artista cria a sua própria semiótica e estabelece a oposição de valores que ele próprio torna significantes em sua ordem. Assim, o artista não trabalha com um repertório de signos existentes. Cada obra, pois, seria única. Aqui temos o semântico, visto que podemos falar em significação mesmo sem podermos falar em unidades, ou seja, mesmo sem o domínio semiótico.

¹² Vejamos um exemplo. Benveniste propõe a homologia entre os eixos de simultaneidade e de sequência da música com relação aos eixos paradigmático e sintagmático da língua, respectivamente. A relação de homologia é aqui invalidada porque o eixo de simultaneidade contradiz o paradigmático, visto que o segundo é um princípio de seleção, o qual exclui a simultaneidade intrasegmental característica da música. Ainda, os eixos de sequência da música e o sintagmático não coincidem, já que as sequências musicais são compatíveis com a simultaneidade de sons, não sendo excludentes com relação a qualquer outro som, o que não ocorre no eixo sintagmático. A relação de homologia é, então, invalidada (cf. BENVENISTE, 1989 [1969]).

A análise da música e das artes plásticas é fundamental porque o primeiro princípio apontado por Benveniste para guiar sua investigação é o princípio do signo, que diz que (1) todos os sistemas de signos possuem a condição de significância e que (2) se constituem de unidades significantes. Assim, constata-se que esse princípio necessita ser repensado¹³, pois é necessário abarcar também os sistemas que não se utilizam de unidades para significar. O princípio da língua, como logo veremos, não será rejeitado, mas será absorvido em outro princípio mais amplo.

Por fim, tratemos do princípio ao qual Benveniste atribui papel principal: a relação de interpretância. A relação de interpretância será aquela que permitirá responder à questão referente ao lugar da língua dentre os sistemas semiológicos, pergunta guia do capítulo analisado. Benveniste afirma tratar-se da relação fundamental entre os sistemas semiológicos, pois ela os classifica em sistemas articuladores e sistemas articulados. A língua ocupa lugar particular dentre os sistemas semiológicos porque é o único sistema articulador:

Pode-se assim, introduzir e justificar esse princípio de que a língua é o interpretante de todos os sistemas semiológicos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 62)

De fato, Benveniste introduz a relação de interpretância antes mesmo de realizar a análise da música e das artes plásticas, afirmando tratar-se de um “princípio geral de hierarquia, apropriado para ser introduzido na classificação dos sistemas semióticos e que servirá para construir uma teoria semiótica” (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 55). Princípio de hierarquia porque ele coloca a língua em um lugar privilegiado no que tange aos demais sistemas semiológicos, já que, enquanto a língua

¹³ Para discussão acerca da problemática, ver Meschonnic (2008).

pode interpretar a si mesma e aos demais sistemas, esses sistemas não podem interpretar nem uns aos outros, nem interpretar a língua.

Ao tratar do princípio de interpretância, Benveniste chega novamente à conclusão de que o princípio do signo é insuficiente para expressar a totalidade dos fenômenos da linguagem, não podendo, então, ser o princípio único. Assim, propõe um princípio que o abarca e o expande: “ela [a língua] é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA [...] A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO, por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro” (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 67). O princípio do signo fica restrito, assim, à esfera do semiótico, havendo a inclusão do domínio semântico. Assim, a língua é o único dos sistemas que combina esses dois modos de significância; os outros possuem ou o semiótico ou o semântico. A reflexão semiológica, em Benveniste, deixa de tomar a língua como sistema de signos e passa a tomá-la como língua-discurso.

No desenvolvimento da semiologia de Benveniste, percebemos um traço que não fora notado na de Saussure: os princípios, conforme vão sendo desenvolvidos, vão permitindo a reflexão e ajuste dos próprios princípios estabelecidos anteriormente a eles. Isso ocorre porque, como mencionamos, princípios são hipóteses que visam a responder a perguntas-base e que guiam e permitem o desenvolvimento de uma teoria. Não necessitam, pois, ser eternos ou aplicáveis a todos os casos.

2.3 Reflexões de método

Tanto em Saussure quanto em Benveniste, percebemos as relações de dependência dos princípios semiológicos uns com os outros. O que diferencia os princípios semiológicos de um e de outro, entretanto, é que, no caso de Saussure, trata-se de princípios que buscam explicar o funcionamento do sistema da língua internamente, enquanto os princípios semiológicos explorados por Benveniste são

princípios que explicam a relação entre os sistemas.¹⁴ De qualquer modo, assim como os princípios semiológicos em Saussure levam à compreensão da relação entre os sistemas semiológicos entre si, os princípios de Benveniste levam à compreensão da língua em seu funcionamento.

Vimos que, no caso de Benveniste, os princípios permitiram a chegada a um domínio justamente distinto do semiótico, o semântico. Como o linguista afirma, esse domínio “deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições” (BENVENISTE, 1989 [1969], p. 67). Assim, parece tentador afirmar que os princípios semiológicos são princípios de chegada ao domínio semântico, mas que em nada influenciam nos princípios dessa esfera. Embora acreditemos que não possamos dizer que os princípios semiológicos benvenistianos atuem diretamente na esfera semântica sob o aspecto do funcionamento desse domínio, parece que dificilmente poderíamos dizer que o princípio da interpretância não atua diretamente no domínio discursivo, entendido como atualização da língua.¹⁵

Laplantine (2008) afirma que Benveniste apresentou um projeto de culturologia ao longo de seus anos de trabalho. Para a pesquisadora, a culturologia busca compreender como a língua organiza o mundo de uma forma cada vez particular. Esse projeto seria, nas palavras da autora, resultante do princípio de uma *semiologia da língua*, em que a língua é o interpretante da sociedade” (LAPLANTINE, 2008, p. 222)¹⁶.

¹⁴ Percebe-se, então, a importância dos princípios semiológicos para o esclarecimento das relações entre sistemas distintos. Benveniste, no artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, menciona os princípios de homologia, interpretância e não redundância a fim de fundamentar a defesa de que não há isomorfia entre as duas estruturas. Em *Semiologia da língua*, ao mencionar o princípio de interpretância, afirma que ele, naturalmente, se aplica também aos subsistemas interiores à sociedade (cf. BENVENISTE, 1989 [1968; 1969]).

¹⁵ Em Meschonnic (2008), além do princípio da interpretância, o teórico da linguagem recupera o princípio da homologia para pensar a obra de arte.

¹⁶ No original: “principe d’une *sémiologie de la langue*, où la langue est l’interprétant de la société”.

É a partir do princípio de interpretância da língua que, em Benveniste, se compreende a relação estabelecida entre a língua e a sociedade, entre a língua e a cultura; a língua é, pois, o interpretante da sociedade e o interpretante da cultura.

Ainda, parece razoável pensar se na esfera semântica podemos falar de princípios que operem de modo similar àqueles presentes no domínio semiótico. Por modo de funcionamento, queremos dizer princípios como hipóteses que, em conexão, explicam o funcionamento desse domínio, vistos sempre em conjunto.

A leitura apresentada por Dessons (2006) parece corroborar essa ideia, no sentido de que toda a obra de Benveniste acaba por ser lida a partir do que Meschonnic (2009 [1982]) denomina de uma “antropologia histórica da linguagem”. Tal leitura se calca no princípio da subjetividade na linguagem e toma a reflexão acerca da linguagem como uma reflexão acerca do sujeito. Assim, toda a constelação de termos e conceitos em Benveniste, tais como intersubjetividade, comunicação, frase, discurso, enunciação, significação, tempo, são tomados em sua indissociabilidade com o princípio da subjetividade.

É importante notar ainda que podemos pensar em princípios, tanto em Saussure quanto em Benveniste, em esferas de seu pensamento as quais por vezes são vistas como independentes das recém analisadas¹⁷. Claudine Normand, no artigo *Benveniste : linguistique saussurienne et signification*, explica que, sob o aspecto de funcionamento dos princípios, Benveniste é fiel a Saussure:

Benveniste se propõe, em primeiro lugar, apenas a perseguir essa tarefa de elucidação e a aplicar os *princípios saussurianos* em análises concretas. Essa fidelidade aparece claramente nas declarações teóricas que enquadram seus vários desenvolvimentos. [...] Tais afirmações explicam Saussure em termos que o positivismo reinante proibia o

¹⁷ Fala-se, por exemplo, em um Saussure do dia e um Saussure da noite, para distanciar suas reflexões da linguística daquela dos anagramas, por exemplo. Quanto a Benveniste, Normand sublinha o aspecto de tensão entre o projeto benvenistiano e seus trabalhos de análise empírica, tensão que leva por vezes a considerar tais trabalhos como projetos separados (cf. GADET; PÊCHEUX, 1984; NORMAND, 1989).

último; por aí, Benveniste diz muito mais claramente do que jamais Meillet o fez – que era ainda um discípulo direto do mestre - que o trabalho linguístico requer *suposições* sobre os dados observáveis e que se quisermos chegar a generalizações interessantes, “ainda é preciso começar por ver além da forma material e não fazer com que toda a linguística se encaixe na descrição das formas linguísticas”. (NORMAND, 1992, p. 55-56, *grifo nosso, tradução nossa*)

Normand, nesse contexto, não está tratando de princípios semiológicos em nenhum dos autores. A autora menciona o *Mémoire sur le système primitive des voyelles dans les langues indo-européennes*, afirmando que Benveniste segue o método de Saussure:

Quer se trate de trabalhos no domínio do comparatismo indo-europeu ou das diversas análises expostas nos PLGs sob os títulos “Estruturas e análises” e “Funções sintáticas”, a retórica da apresentação é sempre a mesma no sentido de que ela restabelece o método a ser seguido: é necessário se dar as hipóteses sobre o que permanece não diretamente visível. (NORMAND, 1992, p. 55-56, *tradução nossa*)

Assim, nos dois linguistas, Normand observa princípios como hipóteses, suposições – como diz na passagem – que buscam explicar fenômenos linguísticos. Essa afirmação vai ao encontro de uma afirmação de Saussure nos ELG acerca dos procedimentos da linguística:

A linguística procede, de fato, por indução e por adivinhação, e deve proceder assim para chegar a resultados fecundos. Uma vez descoberta a hipótese, parte-se sempre daí, do que é reconstruído, para depois destinar a cada língua, sem prejudicar, o que lhe cabe dessa hipótese. Assim, a exposição ganha em clareza, certamente. Como prova, conta-se com o conjunto satisfatório que produz os fatos, assim explicados, para qualquer um que admitiu a hipótese. (SAUSSURE, 2002, p. 117)

Emanuele Fadda percebe também, em diversos trabalhos de Saussure, uma metodologia que parte de hipóteses explicativas do funcionamento de fenômenos

linguísticos. Fadda afirma, inclusive, que em certos trabalhos “há casos em que Saussure constrói uma verdadeira escada de abduções, com hipóteses que se fundam sobre outras hipóteses” (FADDA, 2004, p. 122). Tais hipóteses, que se fundam umas sobre as outras, é exatamente o que se percebe quando analisamos os princípios semiológicos.

Por fim, é relevante perceber que essa proximidade no modo de olhar para a realidade linguística mostra dois pensadores que adotam um modo de investigação mais aberto, que se afasta em certa medida de uma metodologia positivista de linguagem¹⁸. Se Normand afirma que a visão dos princípios em Saussure explica um linguista de um modo pelo qual o positivismo o proibia de ser visto, a autora, em outro momento, quando se refere ao positivismo, afirma tratar-se de um “movimento do qual Benveniste, herdeiro afirmado de Saussure e fiel ao termo Semiologia, permanece muito longe” (NORMAND, 1996, p. 7, *tradução nossa*).

4 Considerações finais

Com base nas reflexões apresentadas, compreendemos que analisar a semiologia saussuriana, bem como a benvenistiana, em termos de princípios semiológicos, longe de tratar-se de uma mera questão de nomenclatura, trata-se de uma questão epistemológica, que tange tanto à forma de apreensão desses princípios quanto ao modo de se olhar para os fatos linguísticos. Se essa é uma questão epistemológica, há abertura para pensar também, como mostramos, se/como os princípios empregados nas análises empíricas de Saussure e de Benveniste se

¹⁸ Normand, no artigo *La généralité des principes*, afirma que, para parte dos linguistas, havia um grande medo de recair em especulações filosóficas, longe do terreno dos fatos. Assim, a generalização aceita por uma perspectiva positivista seria aquela que formaria leis derivadas estritamente da indução. A proposta de Saussure, que diz respeito à generalização de princípios para explicar os fatos linguísticos observados, era, assim, criticada por esses linguistas, já que se afastaria dos procedimentos positivistas (cf. NORMAND, 2000).

relacionariam metodologicamente ao modo de funcionamento dos princípios semiológicos e em que medida haveria relação entre eles.

Referências

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. França: Éditions IN PRESS, 2006.

FADDA. Les abductions de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 57, p. 115-128, 2004. Disponível em: https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_57_2005.pdf. Acesso em: 05 mar. 2022.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **La lengua de nunca acabar**. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

LAPLANTINE, C. **Émile Benveniste: poétique de la théorie: publication et transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire**. 2008. 328 f. Tese (Doutorado). Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2008.

MÉDINA J. Les difficultés théoriques de la constitution d'une linguistique générale comme science autonome. **Langages**, 12^e année, n. 49, p. 5-23, 1978. DOI <https://doi.org/10.3406/lgge.1978.1919>

MESCHONNIC, H. Benveniste: Sémantique sans sémiotique. In: **Dans le bois de la langue**. Paris: Éditions Laurence Teper, 2008.

MESCHONNIC, H. **Critique du rythme – une anthropologie historique du langage**. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009.

NEUMANN, D. A significância e a tradução. In: OLIVEIRA, G. F.; ARESI, F. (org.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. DOI <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2020.281.393-411>

NORMAND, C. Benveniste: linguistique saussurienne et signification. **Linx**, n. 26, p. 49-75, 1992. DOI <https://doi.org/10.3406/linx.1992.1237>.

NORMAND, C. Émile Benveniste: quelle sémantique ? **Linx**, n. 8, p. 221-240, 1996. DOI <https://doi.org/10.4000/linx.1183>.

NORMAND, C. La généralité des principes. *In: Histoire des idées linguistiques: Tome 3: L'hégémonie du comparatisme*. Sylvain Auroux (dir.). Mardaga: 2000. p. 463-472.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da Linguística. *In: SILVEIRA, E. M. (org.). As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PUECH, C. Benveniste et la représentation de la « discipline linguistique ». **Linx**, n. 9, p. 385-396, 1997. DOI <https://doi.org/10.4000/linx.1090>

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, tradução brasileira. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.